

PAPAI, ONDE VOCÊ ESTÁ?: MÚSICA E AUSÊNCIA PATERNA NA CASA SHALON

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.064-015>

Jonas Pereira de Oliveira Júnior

Mestre em Sociologia (Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2010, bolsa CAPES); Doutorando em Sociologia (Universidade do Porto, Portugal), com especialização em Docência no Ensino Médio e Superior (UNIFAHE). Licenciado em Sociologia (FAVENI) e graduado em Teologia (STBNB) e Economia (UFPB). Pastor filiado a Ordem dos Pastores Batistas do Brasil-OPBB/PE

E-mail: jonasjunior@icloud.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6037303167923790>

Resumo

O estudo analisa o impacto da ausência paterna no contexto do acolhimento institucional de crianças e adolescentes na Casa Shalon, abrigo situado em João Pessoa, Paraíba. Trata-se de um relato de experiência aliado à pesquisa bibliográfica e documental. O objetivo é compreender as consequências da falta da figura paterna entre os acolhidos e descrever os efeitos de mediações culturais e socioeducativas sobre o comportamento desses jovens. A metodologia consistiu na observação participante conduzida ao longo de oito anos na direção do abrigo, tomando como recursos pedagógicos a escuta mediada da canção “Papaoutai” e a promoção de palestras quinzenais com profissionais bem-sucedidos oriundos de realidades socioeconômicas vulneráveis. Os resultados evidenciam que aproximadamente 80% dos jovens da instituição vivenciavam a ausência paterna, proporção que dialoga com estatísticas nacionais que apontam a negligência e o abandono como as principais causas do acolhimento institucional no Brasil. Observou-se ainda que a identificação com narrativas musicais e com relatos de superação gerou engajamento, curiosidade e escuta ativa por parte dos meninos. Conclui-se que abordagens empáticas e exemplos reais de resiliência constituem instrumentos relevantes para ressignificar a dor do abandono e construir novas perspectivas de futuro para crianças e adolescentes em situação de acolhimento.

Palavras-chave: Acolhimento institucional; Ausência paterna; Casa Shalon; Escuta pastoral; Relato de experiência.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo fundamenta-se na vivência observada na Casa Shalon, abrigo dedicado a crianças e adolescentes situado na capital da Paraíba. Na rotina da instituição, durante os trajetos de carro para terapias, consultas médicas e escola, pequenos grupos de três a quatro meninos costumavam escutar músicas, sendo a faixa “Papaoutai” (“Pai, onde você está?”) uma de suas prediletas. Composta e

interpretada pelo artista belga Stromae (Paul Van Haver) e lançada em 13 de maio de 2013 como primeiro single do álbum *Racine carrée*, a canção alcançou o topo das paradas na Bélgica e na França, consagrando-se como o single mais vendido de 2013 naquele país (Wikipedia, 2024).

A inspiração da canção provém da história de vida do próprio cantor, filho de mãe belga e pai ruandês. Este último abandonou a família, retornou a Ruanda e foi assassinado em 1994, durante o genocídio ruandês; a verdade sobre sua morte foi ocultada da criança pela mãe e só veio a ser descoberta por Stromae na idade adulta (NRJ, 2023). O título constrói um trocadilho com a frase francesa “papa où t’es?”, grafada de modo a imitar a escrita infantil, remetendo simultaneamente à gíria “empapaouter”, que significa enganar alguém (NRJ, 2023). Sonoramente, a canção promove um contraste marcante entre um tema de fundo doloroso e uma melodia contagiante de influências pop, dance, house e rap, reforçado visualmente no videoclipe, que acumula mais de 667 milhões de visualizações, por meio de pais-manequins paralisados (Wikipedia, 2024). Após terem a letra traduzida, os meninos da Casa Shalon demonstraram forte identificação com a obra, solicitando sua reprodução com frequência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A leitura da experiência da Casa Shalon exige um diálogo com cinco eixos teóricos complementares: o panorama nacional do acolhimento institucional e suas causas estruturais; a relação entre ausência paterna, monoparentalidade feminina e destituição do poder familiar; as perspectivas da própria criança acolhida sobre seus vínculos; a leitura da “adolescência generalizada” como efeito do enfraquecimento contemporâneo da função adulta; e as intervenções terapêuticas e socioeducativas voltadas à reconstrução de vínculos. Esses eixos, tomados em conjunto, fundamentam tanto o diagnóstico do problema enfrentado pelos meninos acolhidos quanto a lógica da intervenção pedagógica descrita neste artigo.

2.1 O ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL NO BRASIL: PERFIL, CAUSAS ESTRUTURAIS E TEMPO DE PERMANÊNCIA

Estudo documental sobre crianças e adolescentes com múltiplos acolhimentos institucionais no Distrito Federal identificou que a maioria dos reacolhidos era do sexo masculino (53,4%), passava, em média, por três medidas de abrigamento e integrava, em 45,5% dos casos, grupos de irmãos; os principais motivadores registrados foram maus-tratos (19,8%), trajetória de rua (18,5%), negligência (17,7%) e, somados, fatores de miséria e ausência de condições materiais (26,1%) (Fukuda; Penso; Santos, 2013). Esses achados dialogam diretamente com os dados do CNMP (2013) e do CNJ e PNUD (2020) já apresentados na introdução deste artigo, reforçando que o afastamento familiar decorre, sobretudo, de omissão e incapacidade de cuidado associadas à pobreza, e apenas residualmente da orfandade.

A mesma pesquisa constatou que o tempo médio de tramitação das pastas judiciais chegava a 3,3 anos, configurando violação do princípio de excepcionalidade e brevidade previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (Fukuda; Penso; Santos, 2013). Em Parintins (AM), estudo qualitativo com assistentes sociais, conselheiras tutelares e um juiz descreveu a destituição do poder familiar como a sanção mais severa e definitiva do sistema de proteção, aplicada apenas após o esgotamento de todas as alternativas de manutenção da criança em seu núcleo biológico; embora o ECA estabeleça que a carência material não justifique, por si, a destituição, a pesquisa constatou que a pobreza extrema funciona, na prática, como fator estrutural determinante das violações que levam à medida (Lopes; Valente, 2018). Esses estudos convergem para uma leitura também sustentada por Müller (2014), discutida na seção seguinte: a negligência, tal como registrada nos processos, é menos causa do que efeito de vulnerabilidades macrosociais não enfrentadas por políticas públicas efetivas.

2.2 AUSÊNCIA PATERNA, MONOPARENTALIDADE FEMININA E A ARQUITETURA DE GÊNERO DO ABANDONO

Análise de dados do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento revelou que mães em situação de monoparentalidade estão sobrerrepresentadas nos acolhimentos, atingindo 51,7% dos registros entre crianças de 0 a 2 anos sem o nome do pai na certidão; essas crianças apresentam menor taxa de reintegração familiar, maior proporção de encaminhamento para adoção e prazos processuais mais curtos para a destituição do poder familiar, o que as autoras interpretam não como eficiência protetiva, mas como menor esforço institucional para reconstruir vínculos quando apenas a mulher figura como cuidadora (Mota; Gomes, 2026). À luz do referencial da justiça reprodutiva, as autoras descrevem esse padrão como uma forma de “governança reprodutiva”, na qual o Estado, em vez de apoiar famílias vulneráveis, utiliza a institucionalização e a adoção como mecanismo de controle sobre a reprodução de mulheres pobres e racializadas (Mota; Gomes, 2026).

Esse quadro é corroborado pelo levantamento documental de Fukuda, Penso e Santos (2013), no qual a figura paterna aparecia como formalmente desconhecida ou desaparecida em 34,4% dos processos analisados, contra 42,8% de mães registradas como responsáveis exclusivas pelo cuidado; quando havia algum registro sobre o pai, o uso de álcool e drogas era a característica psicossocial predominante. O dado é compatível com o já citado levantamento do IBGE (2022), segundo o qual 13,5% das famílias brasileiras são chefiadas exclusivamente por mães. Em conjunto, esses achados sugerem que a ausência paterna observada entre os acolhidos da Casa Shalom não é um fenômeno isolado, mas a expressão, em escala institucional, de uma arquitetura de gênero mais ampla, na qual o abandono paterno é sistematicamente menos visibilizado, menos responsabilizado e menos trabalhado pelo sistema de proteção do que a sobrecarga materna.

2.3 PERSPECTIVAS DA CRIANÇA ACOLHIDA: VÍNCULOS FRATERNOS, FANTASIA E O DIREITO À INFORMAÇÃO

Pesquisa de inspiração etnográfica com crianças acolhidas na região metropolitana de São Paulo mostrou que elas não organizam suas famílias a partir do modelo nuclear padrão, mas elaboram arranjos alternativos centrados na linhagem materna extensa; a mãe aparece como principal referência afetiva, enquanto a figura paterna é, com frequência, excluída das montagens familiares ou citada apenas como ausente (Müller, 2014). O estudo destaca ainda o papel protetivo dos irmãos mais velhos, que medeiam a comunicação e ajudam os mais novos a suportar o trauma da institucionalização, e observa que as crianças recorrem à fantasia como subterfúgio próprio da infância para tolerar a nova realidade; ficou evidente, contudo, que nenhuma delas havia sido devidamente informada sobre os motivos de sua ida ao abrigo, o tempo de permanência ou as decisões legais sobre seu futuro, o que caracteriza uma falha estrutural de diálogo entre o sistema de proteção e a própria criança (Müller, 2014).

Estudo longitudinal com oito adolescentes acolhidos no Espírito Santo, fundamentado na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, constatou que, mesmo diante de histórico de negligência, abandono ou violência doméstica, a maioria avaliou o abrigo positivamente, como ambiente seguro e provedor de apoio afetivo, e que a família permaneceu como principal horizonte de futuro; experiências de reaproximação, como férias em casa, mostraram-se ambivalentes, revelando tanto momentos positivos quanto a persistência de conflitos estruturais, como alcoolismo paterno. Dos oito acompanhados, quatro evadiram-se das instituições e apenas um concluiu o desligamento legal por maioria; os meninos, especificamente, relataram maior dificuldade em obter informações claras sobre o andamento de seus processos judiciais (Rosa et al., 2012). A convergência entre esses achados e a busca dos meninos da Casa Shalon por uma canção que verbalizasse, ainda que de forma indireta, a pergunta “papai, onde você está?” sugere que a escuta mediada pela música pôde funcionar, para esse público, como um canal simbólico para elaborar aquilo que o próprio sistema de proteção, segundo a literatura, tende a deixar sem palavras.

2.4 A “ADOLESCÊNCIA GENERALIZADA” E A EROSÃO DA FUNÇÃO ADULTA NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

Em chave psicanalítica, defende-se que a cultura contemporânea vive uma “adolescência generalizada”, impulsionada pela lógica do consumo e pela dificuldade da geração mais velha em sustentar a posição de adulto; a idealização da juventude como ideal a ser eternizado por todas as faixas etárias apaga a diferença geracional que estrutura a passagem adolescente (Pereira; Gurski, 2014). Segundo essa leitura, o “discurso capitalista” enfraquece os laços interpessoais e promove uma ilusão de completude ancorada no consumo rápido e descartável, produzindo segregação e empurrando o jovem para o individualismo ou para a tirania de grupos que operam pela intolerância; a consequente “adulterez erodida” esvazia a

transmissão de experiência, memória e lei simbólica, de modo que, sem um adulto como ponto de resistência e sem ritos de passagem estruturados, o jovem contemporâneo sofre um desamparo simbólico que dificulta sua inserção no mundo social (Pereira; Gurski, 2014).

Pressionados por imperativos paradoxais de autonomia e originalidade, os jovens expressariam esse desconforto por meio de respostas sintomáticas extremas; a superação saudável dessa passagem dependeria de o adulto sustentar a diferença geracional e retomar a transmissão da experiência pela palavra, ocupando o lugar de referencial simbólico, e não de tirano (Pereira; Gurski, 2014). Esse referencial oferece uma chave de leitura para o próprio recurso pedagógico adotado na Casa Shalon: tanto a escuta mediada da canção “Papaoutai” quanto as palestras quinzenais com profissionais que superaram vulnerabilidades semelhantes podem ser compreendidas como tentativas de reintroduzir, ainda que informalmente, adultos dispostos a ocupar o lugar simbólico deixado vazio pela ausência paterna e pela erosão da função adulta na vida desses meninos.

2.5 INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS E SOCIOEDUCATIVAS: PARENTALIDADE, ESCUTA E RECONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS

No campo das intervenções clínicas, pesquisa-ação fundamentada no psicodrama de grupo, realizada com oito familiares de crianças afastadas por medida protetiva no Amazonas, estruturou-se em três encontros que revisitaram, respectivamente, as memórias de infância dos próprios cuidadores, com técnicas como inversão de papéis, solilóquio e duplo; a dor e a culpa associadas ao momento da retirada dos filhos; e a reconstrução simbólica do vínculo, por meio da confecção de um objeto e da simulação do reencontro (Romão; Vidal, 2025). O primeiro encontro permitiu identificar “conservas culturais”, isto é, padrões comportamentais cristalizados, muitas vezes marcados por violência intrafamiliar e alcoolismo, e trabalhar sua substituição por novas condutas de afeto e proteção, na perspectiva de romper o ciclo de violência intergeracional; as autoras concluem que o psicodrama de grupo é ferramenta eficaz para promover empatia e reorganização de papéis, mas que a mera aplicação legal do afastamento é insuficiente sem políticas públicas de suporte psicológico às famílias de origem (Romão; Vidal, 2025).

No campo educacional, revisão de literatura sobre a escolarização de crianças acolhidas na educação infantil constatou que o tema é pouco discutido fora da Psicologia, que o debate existente se concentra no acesso escolar e negligencia a qualidade da permanência e da aprendizagem, e que bebês e crianças com deficiência institucionalizadas são os grupos mais prejudicados; as autoras defendem que a inclusão efetiva depende de vínculos afetivos mediados pela brincadeira e de professores sensibilizados, capazes de acolher a criança sem rótulos (Hillesheim; Wuo, 2023). Tomados em conjunto, os estudos revisados nesta seção indicam que a escuta qualificada, a mediação simbólica e o vínculo afetivo, sejam eles terapêuticos, familiares ou educacionais, constituem o fio comum capaz de transformar o acolhimento institucional de

mera custódia em espaço efetivo de ressignificação, o que fundamenta teoricamente a intervenção descrita a seguir.

3 METODOLOGIA

O estudo configura-se como um relato de experiência amparado por levantamento de dados secundários, caracterizando-se como pesquisa aplicada de natureza qualitativa. O trabalho de campo baseou-se na observação participante desenvolvida ao longo de oito anos de atuação na direção da Casa Shalon. A partir da identificação da carência de figuras masculinas protetivas no abrigo, estruturou-se uma intervenção socioeducativa que consistiu em organizar palestras quinzenais, conduzidas por profissionais liberais de diversas áreas, como medicina, advocacia, engenharia, empreendedorismo e gerência bancária. O critério de seleção desses profissionais foi a origem socioeconômica, priorizando-se indivíduos que enfrentaram dificuldades financeiras familiares significativas durante a própria infância. O método consistiu na exposição de relatos de vida, seguida de debates e sessões de perguntas e respostas com os acolhidos.

Complementarmente, buscou-se suporte estatístico em bases de dados oficiais, Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP), Conselho Nacional de Justiça (CNJ), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e em literatura científica, a fim de situar a realidade observada na Casa Shalon dentro do panorama nacional da ruptura de vínculos familiares.

Do ponto de vista ético, o relato não envolveu coleta de dados pessoais ou identificáveis dos acolhidos, mas sim observação profissional acumulada pelo autor no exercício da direção institucional, preservando-se o anonimato e a integridade dos menores, em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990). Por não se tratar de pesquisa de campo com coleta direta de dados sensíveis de sujeitos identificáveis, não foi aplicado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) individualizado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da realidade da Casa Shalon revelou que cerca de 80% dos adolescentes acolhidos conviviam com a ausência paterna. Esse índice encontra respaldo no cenário nacional: em 2025, o Brasil possuía 34.427 crianças e adolescentes em acolhimento, dos quais 93,8% estavam em unidades institucionais; cerca de 9.420 desses jovens tinham mais de 15 anos, muitos permanecendo acolhidos por anos sem a companhia de irmãos (Agência Brasil, 2025).

Os motivos que levam ao acolhimento institucional estão intimamente ligados a falhas estruturais e de cuidado da família de origem. Levantamento do CNMP junto a 2.370 entidades de acolhimento indicou a negligência como principal causa do abrigamento, reportada por 84% das instituições, seguida da

dependência de álcool e drogas (81%), do abandono (76%) e da violência doméstica (62%) (CNMP, 2013). Diagnóstico conduzido pelo CNJ em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento confirmou proporções semelhantes e revelou que os casos de orfandade correspondem a apenas 0,4% do total (CNJ; PNUD, 2020), evidência de que o afastamento paterno decorre, majoritariamente, de omissão, incapacidade de cuidado ou abandono, e não da morte do genitor.

Estudo publicado na revista *Fractal* indica que a rede de apoio familiar de crianças em acolhimento é significativamente mais fragilizada do que a de crianças desacolhidas, sobretudo no que se refere à ausência de familiares extensos dispostos a assumir a guarda (Mastroianni *et al.*, 2018). Em paralelo, dados de 2022 do IBGE indicam que a ausência paterna é um fenômeno social amplo no país: 13,5% das famílias brasileiras são chefiadas exclusivamente por mães, totalizando mais de 11 milhões de lares sem a presença de uma figura paterna (IBGE, 2022).

Como contraponto a essa realidade, a intervenção prática desenvolvida na Casa Shalon apresentou resultados positivos. A estratégia de convidar profissionais que superaram percalços semelhantes na infância cativou a atenção dos meninos de maneira expressiva. Os relatos de superação fomentaram interesse notável, evidenciado pelo elevado número de perguntas formuladas e pelo envolvimento atento dos jovens ao final de cada palestra, sugerindo que a combinação entre escuta musical mediada e testemunhos de resiliência favorece a elaboração simbólica da ausência paterna.

5 CONCLUSÃO

O estudo reforça a premissa de que a lacuna deixada pela ausência paterna, observada em cerca de 80% do público acolhido na Casa Shalon, reproduz em menor escala uma severa problemática sociodemográfica brasileira de abandono e negligência. Diante desse vácuo emocional, ferramentas de conexão cultural, como a escuta empática mediada pela canção de Stromae, somadas a relatos reais de profissionais resilientes, revelaram-se caminhos potentes para a intervenção socioeducativa. O engajamento e a curiosidade despertados nos jovens sugerem que ouvir e vislumbrar possibilidades concretas de superação constituem passos relevantes para a ressignificação da ausência paterna e para o rompimento do ciclo de vulnerabilidade no sistema de acolhimento institucional.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Famílias acolhedoras: ainda desconhecido, serviço pode salvar vidas. Brasília, DF: **Empresa Brasil de Comunicação**, 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-05/familias-acolhedoras-servico-ainda-desconhecido-pode-salvar-vidas>. Acesso em: 17 set. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça (CNJ); Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). **Diagnóstico da Primeira Infância**. Brasília, DF: CNJ, 2020.

CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO (CNMP). Um olhar mais atento aos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes no país. Brasília, DF: **CNMP**, 2013. Disponível em: <https://www.cnmp.mp.br/portal/institucional/3-noticias/todas-as-noticias/3702-cnmp-divulga-dados-sobre-acolhimento-de-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 17 set. 2026.

FUKUDA, Cláudia Cristina; PENSO, Maria Aparecida; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. Configurações sociofamiliares de crianças com múltiplos acolhimentos institucionais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, p. 70-87, mar. 2013.

HILLESHEIM, Luana; WUO, Andrea Soares. A inclusão de crianças em situação de acolhimento institucional na educação infantil: revisão de literatura. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 28, n. 1, 2023. DOI: 10.34019/2447-5246.2023.v28.40588.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LOPES, Jéssica Tavares; VALENTE, Liliane dos Santos. Criança e destituição do poder familiar: um estudo a partir do fórum de justiça no município de Parintins/AM. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, [S. l.], n. 11, nov. 2018. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2018/11/crianca-destituicao-familiar.html>. Acesso em: 17 set. 2026.

MASTROIANNI, Fábio de Carvalho *et al.* (Des)acolhimento institucional de crianças e adolescentes: aspectos familiares associados. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 30, n. 2, p. 223-233, ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/cbJh4mCQBpLJVdrQGwGHchw/?lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2026.

MOTA, Isabely Fontana da; GOMES, Janaína Dantas G. Acolhimento de crianças e adolescentes, destituição do poder familiar e monoparentalidade feminina: uma análise a partir de dados disponíveis no Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA). **Revista CNJ**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 303-326, 2026. DOI: 10.54829/revistacnj.v10i1.1017.

MÜLLER, Fernanda. Perspectivas de crianças acolhidas institucionalmente sobre suas famílias de origem. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 20, n. 41, p. 125-145, jan./abr. 2014.

NRJ. Stromae «Papaoutai»: le succès au rendez-vous. [S. l.]: **NRJ**, 2023. Disponível em: <https://www.nrj.fr/artistes/stromae/actus/stromae-retour-sur-le-hit-phenomene-papaoutai-71326638>. Acesso em: 17 set. 2026.

PEREIRA, Marcelo Ricardo; GURSKI, Roselene. A adolescência generalizada como efeito do discurso do capitalista e da adultez erodida. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 376-383, mai./ago. 2014.

ROMÃO, Sandriele Brenda Batista; VIDAL, Gabriela Pereira. Parentalidade de crianças e adolescentes em acolhimento institucional: caminho psicodramático no Amazonas. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 33, 2025.

ROSA, Edinete Maria; NASCIMENTO, Célia Regina Rangel; MATOS, Jallana Rios; SANTOS, Jamile Rajab dos. O processo de desligamento de adolescentes em acolhimento institucional. **Estudos de Psicologia (Natal)**, Natal, v. 17, n. 3, p. 361-368, set./dez. 2012.

STROMAE. Papaoutai. In: Stromae. **Racine carrée**. Bruxelas: Mosaert/Vertigo/Universal Music, 2013. Faixa 1.

WIKIPEDIA. Papaoutai. [S. l.]: **Wikimedia Foundation**, 2024. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Papaoutai>. Acesso em: 17 set. 2026.